

EXIBIÇÃO E PRODUÇÃO DE NARRATIVAS JORNALÍSTICAS AUDIOVISUAIS NAS ESCOLAS: CAMINHOS PARA O EMPODERAMENTO SOCIAL

Antonio Simões Menezes¹

INTRODUÇÃO

Ao longo de 2018, por meio do projeto de extensão “Boas notícias na internet: narrativas para promover o empoderamento social”, desenvolvido por estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), foi produzido o programa jornalístico Anti-horário. Pautado pela busca da inovação, que tem um caráter multidimensional (FRANCISCATO, 2017) e não depende necessariamente da apropriação de tecnologias para sua materialização (FLORES, 2017), o programa pretendeu ir de encontro às narrativas jornalísticas preponderantes na mídia hegemônica inclusive em âmbito local, baseadas em fatos marcados pela violência nas suas diversas facetas (MENEZES; ARAGÃO, 2018).

Em suas duas temporadas, exibidas em um canal específico do programa no YouTube, no primeiro e segundo semestres do ano passado, foram abordadas a Gentileza e Arte como mecanismo de transformação social, respectivamente. Os episódios, além de tentar ressignificar os critérios de noticiabilidade (WOLF, 1999), os quais geralmente conduzem o olhar do jornalista para episódios que conotam em seu conjunto uma sociedade caótica, objetivavam levar para jovens, na faixa etária de 15 a 25 anos, histórias que estimulem o comprometimento desse segmento da população com um mundo marcado por mais justiça social.

Em 2019, esses programas são exibidos em escolas públicas de Ensino Médio localizadas em Campina Grande, na Paraíba. Em seguida, uma espécie de roda de conversas é iniciada com os estudantes. Eles comentam as produções audiovisuais apresentadas e, logo após o debate, são instigados a produzirem um conteúdo semelhante. Nesse sentido, participação da oficina “Jornalismo Móvel na construção de narrativas inspiradoras”, ministrada por estudantes de Jornalismo da UEPB, que integram o projeto de Extensão “Maratona Anti-horário: narrativas motivadoras em escolas públicas”. A proposta central da oficina é capacitar esses jovens para construir vídeos de até um minuto, que serão postados em redes sociais, apresentando histórias inspiradoras sobre as suas comunidades.

Mas, será que essa capacitação de fato gera o empoderamento esperado desses agentes perante a sociedade? Esta é a questão a ser respondida ao longo da pesquisa iniciada neste semestre. O estudo, que tem o mérito de viabilizar o diálogo entre a pesquisa e a extensão, se propõe a mapear e sistematizar os impactos da ação de extensão na comunidade escolar. Assim, poderá ser usado como ferramenta para otimizar e melhorar ações de comunicação semelhantes no âmbito de escolas públicas paraibananas.

O referencial teórico da pesquisa, bem como do próprio projeto de extensão, é baseado na perspectiva de apropriar-se de elementos jornalísticos para a elaboração de vídeos que venham a tornar-se mecanismos pedagógicos de emancipação dos estudantes, indo além do papel de veículo de informação. “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47). Nesse sentido, a Maratona Anti-horário também busca capacitar os estudantes para produzirem

¹ Professor do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: simoesmenezes@gmail.com

narrativas motivadoras sobre o seu cotidiano. “Se buscamos formar gente capaz de se emancipar, é mister despertar o sujeito competente, não preservar o objeto manipulado e adestrado” (DEMO, 1990, p. 23).

Iniciada em janeiro deste ano, a iniciativa já capacitou estudantes do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), campus Campina Grande, e da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro de Figueiredo. Durante a fase de análise do desenvolvimento dessas duas capacitações, foi detectada a necessidade de fazer uma pesquisa para verificar o impacto da ação de comunicação junto aos estudantes das escolas públicas. Dessa forma, ficou definido que os encontros realizados no decorrer deste semestre serão analisados sob uma perspectiva científica.

METODOLOGIA

A pesquisa, que busca o diálogo com a extensão, será desenvolvida no decorrer das ações realizadas por estudantes do curso de jornalismo da UEPB em escolas públicas localizadas em Campina Grande, na Paraíba, ao longo do segundo semestre de 2019. A escolha dos estabelecimentos de ensino será realizada de forma aleatória. A partir da seleção prévia das unidades educacionais, os estudantes de jornalismo entrarão em contato com a direção da escola e marcarão uma reunião para apresentação da proposta do projeto. Após o encontro presencial, caso a escola não aceite participar do projeto, uma nova escola será contatada. A meta é que estudantes de mais duas escolas sejam capacitados em 2019.

Em seguida, quando a direção da escola resolve acolher as ações do projeto, as datas dos encontros são definidas e os universitários iniciam a preparação da divulgação da oficina de “Jornalismo Móvel na construção de narrativas inspiradoras” junto aos alunos do Ensino Médio. Neste semestre, até visitas in loco nas salas de aula serão realizadas para garantir que todas as quarenta vagas da oficina sejam preenchidas. Esse número de participantes foi definido para garantir um acompanhamento adequado dos estudantes no decorrer das atividades práticas da oficina.

Com as datas da oficina agendadas e os estudantes devidamente inscritos, chega o momento de adequar o conteúdo da capacitação ao perfil dos estudantes da escola que irá receber o projeto. Em síntese, ao longo de três encontros, que totalizarão 6 horas aula, os estudantes irão aprender técnicas de entrevista e reportagem, noções básicas sobre a pauta jornalística, produção de vídeos para sites de redes sociais, bem como sua edição em aplicativos gratuitos.

A ideia é que os vídeos sejam produzidos pelos estudantes, que serão divididos em equipes e trabalharão sob a orientação dos acadêmicos de jornalismo, com seus próprios smartphones. As pautas devem focar histórias inspiradoras que ocorrem nas comunidades desses estudantes. Estes episódios normalmente são esquecidos pela mídia hegemônica que costuma adentrar nesses espaços urbanos apenas para noticiar atos de violência, fortalecendo o processo de estigmatização sofrido por esses territórios e, por consequência, pela sua própria população.

Os secundaristas devem exibir os vídeos na escola durante o último dia de oficina. Eles irão explicar a intenção com aquela proposta audiovisual. Em seguida, todos terão a oportunidade de debater os vídeos apresentados com os estudantes de jornalismo. Estes aproveitarão para oferecer mais dicas, caso necessário, para melhorar a qualidade estética e técnica dos vídeos. Os produtores dos vídeos também serão estimulados a criarem perfis em redes sociais para publicarem o material audiovisual.

Neste momento, será aplicado o questionário junto aos estudantes que participaram da capacitação. Essa técnica de pesquisa ajudará a compreender o real impacto da oficina no processo de empoderamento dos estudantes perante a sociedade. Em seguida, já concluindo o treinamento, serão entregues os certificados, emitidos pela Pró-Reitoria de Extensão da UEPB, para os estudantes que participaram de, pelo menos, 75% dos encontros. Ao final da entrega dos documentos, dois estudantes serão escolhidos aleatoriamente e convidados para uma entrevista. Eles serão ouvidos individualmente e a entrevista semi-estruturada será usada como técnica de construção de dados qualitativos, os quais serão fundamentais para a obtenção dos resultados que subsidiarão as inferências sobre o impacto das ações do projeto sobre o seu público-alvo.

REFERENCIAL TEÓRICO²

No processo diuturno de selecionar quais episódios serão a matéria-prima do relato noticioso, parece haver uma tendência no jornalismo a registrar os episódios negativos da realidade. Talvez, o olhar do jornalista seja guiado pela velha ideia de que o jornalismo é o cão de guarda da democracia. Sem dúvidas, parte significativa dos esforços desses profissionais deve ser voltada para mostrar os problemas que afligem uma comunidade, uma cidade, um Estado e, até mesmo, o país inteiro.

Assim, os jornalistas buscam publicizar erros e mal-feitos, por exemplo, de integrantes do Poder Legislativo. O intuito é, por meio da denúncia, cobrar que esses erros sejam corrigidos e os supostos culpados possam ser levados à Justiça e, se condenados, paguem as penas referentes aos crimes cometidos. Porém, nem sempre os acontecimentos negativos reconstruídos pelos produtos jornalísticos têm essa função.

Talvez, haja também a percepção de que a seleção de acontecimentos trágicos tenha uma maior facilidade de atrair a atenção da audiência. É como se os jornalistas, baseado em uma cultura organizacional e rotinas produtivas já internalizadas, partissem do pressuposto de que notícias sobre temas negativos despertam maior interesse da audiência. Esta também, ao consumir esse tipo de conteúdo, acaba por sentir uma maior sensação de insegurança, que já é tão comum no País atualmente.

Mas, é fundamental perceber que o medo gerado por esse tipo de relato desempenha um papel essencial na relação desenvolvida entre o meio de comunicação e a sua audiência.

O medo é um importante desencadeador e também encadeador de histórias que proporcionam uma experiência simbólica da vida urbana. E a reportagem policial constitui oportunidade privilegiada de conformar mentalmente a cidade em que se vive materialmente. No fluxo do sensacional, o medo é um dos mediadores de relacionamento do público com o jornalismo. (MATHEUS, 2011, p. 43)

Paradoxalmente, não é raro ouvir as pessoas dizendo que não assistem telejornais por conta da veiculação constante de casos de violência, de histórias sobre corrupção, catástrofes naturais etc. Há inclusive profissionais da área de saúde que recomendam aos seus pacientes evitarem o contato com produtos jornalísticos, já que esses causariam desânimo, tristeza, ansiedade, nervosismo, medo, entre outras sensações nocivas à saúde.

² Este tópico pode ser considerado uma síntese do referencial teórico apresentado no projeto de extensão “Maratona Anti-horário: narrativas motivadoras em escolas públicas” submetido à Pró-Reitoria de Extensão da UEPB, embora novos trechos tenham sido adicionados à esta versão editada.

Os jornais participam assim dos processos culturais permanentes de racionalização da morte e de reelaboração do agir no mundo. Portanto, não são excludentes as hipóteses de a mídia jornalística ajudar a disseminar ou apaziguar o medo. É mais provável que ela opere, duplamente, uma economia das sensações. (MATHEUS, 2011, p. 99).

Não é exagero perceber na mídia a capacidade de contribuir para a instauração e consolidação do medo no inconsciente coletivo de todo um país. Basta perceber como o medo do terrorismo passou a preocupar tanto os americanos, poucos anos após o medo do comunismo ser dissipado com a dissolução da União Soviética. Porém, outra questão a ser analisada é que ao se evidenciar fatos negativos, os relatos noticiosos ignoram um considerável conjunto de acontecimentos que também são de interesse público e importantíssimos para o cidadão se manter “bem” informado.

Como, por sua natureza, toda a informação é necessariamente seletiva, a câmara reproduz sempre a subjetividade do produtor e sua formação profissional. Segundo os cânones em uso, há que se filmar “imagens telegênicas”, reter o extraordinário, não o ordinário. O ordinário é a paz, o extraordinário é o escândalo e o conflito violento. Mas, ao acumular-se o extraordinário na tela e na prensa (notícia não é que o cão morda o menino, mas sim que o menino morda o cão), inverte-se a relação: a ação violenta e o conflito se convertem no ordinário. E a ordem pacífica fica de fora. É como se o “mundo” contasse unicamente de atos violentos e acionismo. (CONTRERA, 2002, p. 17).

O programa Anti-horário buscou ressignificar “os cânones em uso” ao trabalhar com critérios de noticiabilidade que promovam a visibilidade do fluxo pacífico, solidário e construtivo da vida em sociedade. Assim, conseguiu dar visibilidade para episódios praticamente esquecidos no cotidiano da urbe. A partir desses fatos considerados banais por *gatekeepers* tradicionais, o programa anti-horário demonstrou que um mundo melhor é possível e já está em gestação. Agora, chega o momento de debater, com os jovens de escolas públicas de Ensino Médio, as temáticas abordadas. Como explica Betto (2018), o ato de educar deve suscitar nos estudantes a estima aos valores que estimulam, entre outros, a solidariedade e o altruísmo.

Outro dever da escola é despertar a reflexão crítica. Lidamos com isso, por exemplo, não só levando textos para a sala de aula, mas também imagens. Chegou a hora de discutir na sala de aula o clipe publicitário, o capítulo da novela, o programa de humor. Porque a única maneira de desenvolvermos uma consciência crítica diante da imagem é refletir sobre ela, educar o olhar. (BETTO, 2018, p. 69-70).

Por meio do projeto de extensão, busca-se ir além da educação do olhar. Há a intenção de capacitar os estudantes para tornarem-se produtores de conteúdo audiovisual. Assim, o projeto de extensão procura contribuir com o empoderamento de seu público-alvo. Originário da palavra inglesa *empowerment*, o conceito de empoderamento social pode ser definido da seguinte forma: “Trata-se de processos que tenham a capacidade de gerar processos de desenvolvimento auto-sustentável, com a mediação de agentes externos – os novos educadores sociais – atores fundamentais na organização e no desenvolvimento dos projetos” (GOHN, 2004, p. 23). Ainda segundo a autora, a categoria *empowerment* pode significar as práticas voltadas para a promoção e desenvolvimento de grupos, gerando uma melhora gradativa em suas vidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ainda em fase de execução da análise, espera-se que os resultados da pesquisa possam auxiliar o planejamento e a realização de ações de extensão semelhantes desenvolvidas por instituições de ensino superior brasileiras. Há, ainda, a tentativa de fortalecer o diálogo entre ações de pesquisa e extensão das universidades brasileiras ao demonstrar a viabilidade do desenvolvimento simultâneo de projetos nessas duas áreas.

Por fim, também há a intenção de demonstrar a importância de ações de ensino e pesquisa em áreas afins como comunicação e educação, fortalecendo dessa forma a construção e desenvolvimento de projetos que, direta ou indiretamente, contribuam para promoção da transdisciplinaridade nas universidades. Uma questão bastante teorizada e defendida em discursos desde os anos 1970, mas que ainda pode ter um crescimento significativo na prática cotidiana de cursos e disciplinas afins.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em desenvolvimento busca compreender o real impacto nos estudantes do Ensino Médio das ações do projeto de extensão “Maratona Anti-horário: narrativas motivadoras em escolas públicas”. Este, que é desenvolvido pelos acadêmicos do curso de jornalismo da UEPB, busca capacitar esses estudantes para produzirem vídeos de um minuto de duração a serem publicados na rede social Instagram. Com o uso de técnicas básicas de jornalismo, a proposta é que o conteúdo audiovisual apresente as histórias inspiradoras que ocorrem diariamente nas comunidades, ajudando a elevar a autoestima de seus moradores e empoderando os autores desses vídeos.

A ideia é que eles possam, a partir do acesso e da produção dessas formas simbólicas, ser os protagonistas de novas ações de impacto social, tendo como referência as situações apresentadas nos episódios dos programas desenvolvidos pela equipe do Anti-horário. Espera-se que os estudantes do Ensino Médio, com base na capacitação recebida, possam elaborar vários conteúdos audiovisuais sobre suas comunidades.

Caso isso realmente venham a ocorrer, o projeto de extensão terá conseguido contribuir para a formação de novos agentes de transformação social, os quais atuarão com a produção de narrativas audiovisuais inspiradoras, as quais ajudam a desconstruir o processo de estigmatização sofrido pelas suas comunidades. Porém, mesmo que eles não façam novos materiais audiovisuais podem usar os conhecimentos construídos coletivamente para outros fins de emancipação social.

Dessa forma, esta pesquisa científica parece ser essencial para compreender o real impacto nesses jovens das ações de empoderamento proposta pelo projeto de extensão. Assim, pretende oferecer uma pequena contribuição aos estudos que abordam ações de extensão no âmbito de escolas públicas brasileiras.

Palavras-chave: Jornalismo; Audiovisual; Empoderamento; Educação; Redes Sociais.

REFERÊNCIAS

BETTO, Frei. **Por uma educação crítica e participativa**. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2018.

CONTRERA, Malena Segura. **Mídia e pânico:** saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

DEMO, Pedro. **Qualidade da educação:** tentativa de definir conceitos e critério de avaliação. Estudos em Avaliação Educacional. São Paulo, n 02, 1990, p. 11-25.

FLORES, Ana Marta M. **Jornalismo de inovação:** um conceito múltiplo. Brazilian Journalism Research, v. 13, n. 02, Agosto 2017, p. 164-187

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A inovação metodológica como problema na pesquisa em jornalismo digital.** Contemporanea – Revista de Comunicação e Cultura, v. 15, nº 01, jan-abr 2017, p. 25-46.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOHN, Maria da Glória. **Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais.** Saúde e Sociedade, v. 13, nº 2, mai-ago 2004, p. 20-31.

MATHEUS, Leticia Cantarela. **Narrativas do medo:** o jornalismo de sensações além do sensacionalismo. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

MENEZES, Antonio Simões. ARAGÃO, Leticia. **A onipresença da violência no jornalismo: análise de conteúdo do JPB 2ª Edição.** Caderno de Resumos do I Simpósio Nacional Jornalismo Profissional e o Ensino Universitário na era da convergência: práticas, processos e produtos. Encarte Revista Âncora, v. 5, nº 1, jan-jun 2018, p. 76.

WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. 5 ed. Lisboa, Presença, 1999.